

---

**Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid**

*Changes in Education: reports from educators of the Basic Education from the Middle Itajaí Valley (SC) in Covid times*

Patricia Tatiana Raasch  
Ketlin Braatz  
Celso Kraemer  
**Universidade Regional de Blumenau**  
Blumenau-Brasil

**Resumo**

O artigo problematiza as mudanças que vêm ocorrendo no contexto educacional brasileiro, a partir da percepção de educadores(as) da Educação Básica das redes de ensino pública e privada de duas cidades do Médio Vale do Itajaí (SC). Na pesquisa de abordagem quanti-quali e caráter exploratório, realizou-se a aplicação de um questionário online. Primeiramente, desenvolve-se a situação problema. Em seguida, discutimos a crise climática global e a crise sanitária mundial gerada pela pandemia de Covid-19 e sua relação com as mudanças que estamos enfrentando. Também apresentamos as respostas do questionário, buscando refletir sobre as percepções dos educadores(as) acerca das mudanças no contexto da Educação.

**Palavras-chave:** Educação; Mudanças; Covid-19

**Abstract**

The article problematizes the changes that are taking place in the Brazilian educational context, based on the perception of Basic Education educators from public and private education networks in two cities from the Middle Itajaí Valley (SC). In the quanti-quali and exploratory character approach research, an online questionnaire was applied. We discuss the global climate and health crises generated by the Covid-19 pandemic and its relation to the changes we are facing. We also present the answers to the questionnaire, seeking to reflect on the perceptions of the educators about changes in the context of Education.

**Keywords:** Education; Changes; Covid-19

## **Introdução**

O ano de 2020 e agora, 2021 têm sido desafiadores, pois vivemos a experiência cruel do enfrentamento à pandemia de Covid-19. Nossas vidas cotidianas têm sido reformuladas e repensadas e a Educação tornou-se parte integrante dessas mudanças. Inicialmente, as aulas presenciais foram suspensas, em todo o mundo, e no Brasil, mesmo após um ano de pandemia, essa situação ainda permanece. Temos presenciado uma diversidade de situações nos diferentes sistemas escolares brasileiros: escolas que permanecem funcionando de modo remoto, outras online e demais, que já retornaram ao modo totalmente presencial, com grupos de estudantes em número reduzido, intercalando semanas de presença na escola. Em função dessa diversidade de situações, é de extrema relevância que discutamos essas experiências, principalmente dos educadores e educadoras que atuam nas redes de ensino, tanto públicas quanto privadas.

A Educação enfrenta mudanças a todo tempo: necessárias, como a reformulação dos currículos e dos programas de ensino, e tantas outras, nem sempre debatidas, que acompanham as mudanças do seu contexto social, econômico e político. A crise sanitária global que passamos a enfrentar com a pandemia de Covid-19 impôs aos sistemas de ensino e às instituições escolares uma série de mudanças, não só na estrutura física, mas principalmente nas relações pedagógicas, entre educadores(as) e escola, educadores(as) e estudantes e educadores(as) e famílias. E o que os educadores(as) têm pensado sobre essas mudanças? Qual é o futuro que nos espera? Como as mudanças na Educação são necessárias para enfrentar esse mundo, também em constantes mudanças? O artigo se propõe a refletir sobre estas questões colocadas.

## **Mudanças constantes e crises globais**

HARARI (2018) em 21 lições para o século 21 dedica um capítulo exclusivamente à Educação. Logo no início, o historiador israelense levanta algumas questões que não deveriam deixar de nos acompanhar: um bebê nascido hoje, terá em torno de trinta anos na metade deste século. E provavelmente ainda estará vivendo no século XXII. O que devemos ensiná-lo para que sobreviva no mundo de 2050? Como garantir-lhe um emprego ou a compreensão do que acontece ao seu redor? Que habilidades serão necessárias? Essas

perguntas devem-nos inquietar, enquanto profissionais da Educação, e acompanhar nossa contínua formação. Obviamente, não temos essas respostas porque não temos a estabilidade e a segurança do passado. Nossos avós e seus antepassados viveram outros contextos, de estabilidade social e econômica. Estiveram empregados ao longo da vida em um mesmo emprego, exercendo, muitas vezes, a mesma função por todo esse período. Se não todos, para a grande maioria das pessoas as coisas eram assim. E podemos ir além: não só os empregos, mas as relações sociais, de gênero, as instituições (a Escola, a família, os governos) experimentaram mudanças lentas e duradouras. O mundo de 2050 não será assim. Nossas crianças e jovens terão que ser preparados para adaptar-se constantemente às mudanças e sobreviver a elas.

Hoje lidamos com um volume gigantesco de informações diárias e cotidianas que não somos mais capazes de absorver plenamente e ainda menos de acompanhar todas as novidades que surgem. Com isso, repassar informações desconectadas do mundo real em que os jovens estão tentando sobreviver também já se mostra ineficaz e irrelevante. E mais, a escola pública brasileira atual tem buscado adotar o modelo pedagógico de influência neoliberal, descaracterizando-se enquanto difusora e socializadora da produção do conhecimento humano e histórico. Volta-se, por meio do desenvolvimento de habilidades e competências úteis ao mercado de trabalho, à formação de indivíduos aptos ao trabalho, sem garantia de empregabilidade, num país que enfrenta o desemprego estrutural. Laval (2004, p. 62) afirma que:

Referenciais de diferentes disciplinas, tipos de exercícios propostos aos estudantes, sistemas de avaliação, critérios de julgamento nos boletins e cadernetas, conteúdos de diplomas, todas essas ferramentas escolares subordinadas à categoria de competência, ao mesmo tempo em que tornam técnico, taylorizam e burocratizam o ensino, estabelecem, de modo progressivo e quase automático, uma coerência com o mundo das empresas para definição dos perfis de cargos e das listas de competências construídas para selecionar, recrutar, formar a mão-de-obra.

A pedagogia das competências não resolve os problemas da Escola atual: ou elas são muito especializadas, de modo que perdem todo o sentido intelectual, ou elas são muito amplas - podemos citar aqui, por exemplo, o trabalho em equipe - e com isso se volta à modos de ser implícitos, o que remete à diferentes competências socialmente herdadas (LAVAL, 2018). Investir esforços em um conjunto de habilidades predeterminadas não resolverá o futuro dos jovens das próximas gerações.

*Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

Enquanto socializadora e voltada à formação humana, a Escola precisa, constantemente, refletir sobre os valores humanos que precisam ser incentivados: a solidariedade, o respeito ao próximo, a alteridade, a ajuda mútua, a fraternidade, entre outros. Investir na formação de seres humanos mais reflexivos, críticos e compreensivos com o outro é fundamental para se pensar na Educação das próximas décadas.

Além dessa formação e exigência de desenvolvimento de determinadas habilidades e competências, a Escola reforça outra característica desse movimento neoliberal presente na Instituição: o *life long learning*. Nessa perspectiva, o sujeito torna-se alguém apto para aprender no decorrer e por toda a vida. E deste passa-se a exigir que faça adaptações continuamente. Assim, o importante não é a quantidade e a qualidade dos conhecimentos que são adquiridos, pois muitos destes passam a ser vistos até como inúteis. O essencial está na capacidade de continuar, durante toda sua existência, a aprender o que lhe será útil profissionalmente. Com isso, os sujeitos são responsabilizados por seu dever de aprender. “Efetuado dentro e fora das instituições, o aprendizado ao longo da vida está por toda parte e em nenhuma, ele se confunde com a vida de um eterno aprendiz “responsabilizado” por seu dever contínuo de aprender.” (LAVAL, 2004, p. 52).

O que se faz urgente é pensar o que, de fato, a Escola deve ensinar aos estudantes, para que estejam preparados para viver no mundo de 2050 e que novo indivíduo será esse. É provável que mais profissões apareçam e desapareçam com mais frequência e de modo mais acelerado. Portanto, nesse mundo tão volátil, a exigência de flexibilidade pode passar a ser norma. É possível que esses jovens enfrentem mudanças de profissão constantes, mudanças na tecnologia e no modo como lidamos e nos relacionamos com ela, mudanças aceleradas nas relações sociais, entre tantas outras possíveis.

Atualmente, nós já observamos mudanças rápidas e constantes em termos de tecnologia, vivemos uma emergência climática e uma crise sanitária mundial. Em março de 2020, o jornal *The Guardian* publicou um novo relatório da Organização Mundial da Saúde contendo dados sobre o meio ambiente: sete milhões de pessoas no mundo ainda morrem, anualmente, por causa da poluição do ar. Nove em cada dez pessoas respiram ar contendo altos níveis de poluentes. Mais de 90% das mortes relacionadas à poluição do ar ocorrem em países de baixa e média renda, principalmente na Ásia e na África.<sup>i</sup>

Na Cúpula de Impacto e Desenvolvimento Sustentável do Fórum Econômico Mundial, foram divulgados mapas que mostram aumentos recordes de temperatura nos Estados Unidos, Índia e no sul da Ásia (com os piores cenários projetados até 2100): as temperaturas médias de junho a agosto podem chegar a 38°C em várias partes do mundo. Nova Delhi, na Índia, pode ter oito meses por ano com temperaturas médias de 32°C e a elevação do nível do mar pode levar ao desaparecimento de Miami e Fort Lauderdale, na Flórida. Tudo isso só pode ser evitado se limitarmos o aquecimento global a menos de 2°C acima dos níveis pré-industriais. As evidências do aquecimento global são corroboradas pelos dados em relação ao clima. Desde 1979, imagens de satélite mostram um declínio dramático na extensão de gelo no Ártico, a uma velocidade de 4% por década. Em 2012, essa faixa atingiu seu patamar mais baixo, que é 50% menor que a média entre 1979 e 2000. A camada de gelo na Groenlândia tem passado por um derretimento recorde nos últimos anos. Se todo esse gelo derreter, elevaria os níveis do mar em 6 metros.<sup>ii</sup>

A emergência climática que vivemos hoje, e a partir da qual já estamos enfrentando catástrofes cada vez mais recorrentes, associa-se diretamente à crise sanitária mundial da pandemia de Covid-19. Santos (2020, s. p.) estabelece essa relação, ao afirmar que:

A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muitos seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo, hoje secundados pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica. Essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura auto-defesa.

O autor ainda alerta que, no modelo econômico capitalista global que vivemos - e afirmamos, para o qual não se tem buscado alternativas - se nada for feito, haverá mais pandemias e provavelmente mais graves. E na perspectiva do modelo neoliberal, que domina os cenários atuais, a capacidade dos Estados de reagir e responder a essas crises será cada vez mais ínfima, deixando as populações indefesas (SANTOS, 2020).

## *Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

Esses são os alertas com os quais iremos nos confrontar cotidianamente no decorrer do século XXI. As mudanças tecnológicas, a emergência climática mundial e futuras crises sanitárias globais são parte do nosso futuro. Por ora, pensar nas mudanças na área da Educação e a maneira como os nossos bebês, crianças e jovens irão enfrentar esse mundo no futuro é dever nosso enquanto educadores e educadoras. Prepará-los para tal, mais ainda. Mas há esperança? De que modo os(as) educadores(as) têm lidado com o enfrentamento dessa crise sanitária global? O que ela tem a nos ensinar, que possa ser útil a pensar um novo cenário para a Educação? Essas questões norteiam a pesquisa que realizamos e os resultados que apresentaremos abaixo.

### **Método da Pesquisa**

Essa pesquisa se propõe a ser de natureza quali-quantitativa, pois segundo Gil (1999, p. 35) “os procedimentos estatísticos fornecem considerável reforço às conclusões obtidas”. Também torna-se pesquisa qualitativa, porque segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 50) essas pesquisas estão “(...) continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber "aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem””. As duas pesquisas complementam e favorecem a geração de dados.

A pesquisa também se caracteriza como exploratória, tendo em vista que este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

O instrumento utilizado para a geração de dados foi um questionário online com perguntas abertas e fechadas. Segundo Marconi & Lakatos (1999, p. 100), “o questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador”.

O questionário foi encaminhado de forma online aos educadores(as) de Educação Básica, que atuam nas redes de ensino público municipal (nas cidades de Pomerode e Blumenau - municípios que pertencem à região do Médio vale do Itajaí), público estadual (estado de Santa Catarina) e privado, abrangendo todas as etapas da Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Não houve a identificação dos(as) entrevistados. Este questionário teve como objetivo analisar a percepção dos(as) educadores(as) acerca das mudanças na Educação provocadas pela pandemia de Covid-19.

### **Análise dos Dados**

O questionário encaminhado aos educadores(as) possui doze questões, das quais a metade é composta de questões abertas e a outra metade de questões fechadas, com quatro alternativas. Obtivemos dezessete respostas, que serão apresentadas a seguir por gráficos e respostas abertas.

Dos(as) educadores(as) que responderam ao questionário, nove possuem curso de pós-graduação (destes, três possuem curso a nível de mestrado e os demais, lato sensu) e oito possuem curso de graduação. Os pesquisados são formados nas áreas de Pedagogia, História, Matemática e Letras. Dos dezessete entrevistados, 70,6% integram a rede municipal, 23,5% a rede privada e 5,9% a rede estadual. Quanto ao nível de ensino, 41,2% atuam com o Ensino Médio, 35,3% com o Ensino Fundamental e 23,5% são da Educação Infantil. Quanto ao formato de trabalho atual, 58,8% estão trabalhando de forma presencial, 29,4% parcialmente presencial e 11,8% de forma remota.

Com relação às atividades propostas pelos(as) educadores(as), tais como trabalhos e tarefas realizadas pelos estudantes, perguntamos sobre a adesão às propostas e se de fato houve participação e envolvimento dos estudantes.

## Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid

### Gráfico 1- experiência dos(as) educadores(as) com os estudantes

Como foi a sua experiência com os estudantes, no modelo remoto, durante o ano de 2020?

17 respostas



Fonte: os próprios autores, gerado pelo google forms, julho/2021

Dos dezessete educadores(as) que responderam o questionário, o gráfico indica que a maioria dos estudantes entregou as atividades propostas e uma minoria não. Além disso, os educadores(as) descreveram como foram essas experiências - online e remotas - com os estudantes no decorrer do ano de 2020:

Tabela 1 - Respostas dos(as) educadores(as)

O ano de 2020 foi cheio de desafios e superações. Muitos alunos continuaram estudando, fazendo as atividades com esmero e dedicação. Outros, no entanto, deixaram de estudar, copiaram trabalhos e provas de colegas, preocupando-se somente com a nota final, não com o aprendizado.

Muito boa, fluiu dentro do esperado. Contudo, nem todos cumpriram com suas obrigações educacionais, nem alunos e nem outros professores.

Percebo que só digitalizamos o ensino tradicional. Estudantes ficaram alheios e desmotivados. Professores sob grande pressão e cobranças burocráticas desnecessárias.

Quanto à participação na entrega dos trabalhos a maioria entregou todos os trabalhos ou parcialmente. Quanto à qualidade dos trabalhos: maioria dos trabalhos com qualidade alcançando os objetivos propostos. A maior dificuldade era fazer entregar no prazo estabelecido. Alunos bons seguiram fazendo as atividades, aluno "matão" arrumou mais desculpas para não fazer.

As aulas síncronas tiveram adesão de menos da metade dos alunos. Todos reclamavam que faltava explicação, contato com o professor, mas quando era marcada a aula síncrona poucos alunos participavam.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores, Julho/2021

Destes excertos, podemos compreender que o processo, por parte dos educadores(as), foi desafiador e cheio de superações. Percebemos ainda que há preocupação em relação à qualidade dessas atividades realizadas pelos estudantes e com as

dificuldades no processo de aprendizagem, pois há uma percepção de que o estudante está preocupado somente com a nota final. Mas entender a aprendizagem apenas como resultado a partir de uma nota atravessa tanto as concepções dos educadores(as) quanto dos estudantes:

A avaliação, na ótica do exame, atende às exigências de natureza administrativa, serve para reconhecer formalmente a presença (ou ausência) de determinado conhecimento, mas não dispõe da mesma capacidade para indicar qual a capacidade para indicar qual o saber que o sujeito possui e como está interpretando as mensagens que recebe (ESTEBAN, 2001, p.100).

A concepção de avaliação que atravessa esses discursos ainda se relaciona muito mais à avaliação classificatória que formativa. Trazendo à reflexão o cotidiano escolar da escola, é possível perceber dos discursos que esse modelo de avaliação constitui prática corrente, restringindo a relação estudante-professor, esvaziando de sentido o processo ensino-aprendizagem. Enquanto o estudante busca aprender apenas para alcançar boas notas ou conceitos, a tentativa de estabelecer relações entre a vida e o cotidiano esvazia-se. Quando os jovens não assimilam o que foi repassado ou transmitido pelo(a) educador(a), que nessa perspectiva é a figura central da ação, a responsabilidade pelo fracasso recai sobre o próprio estudante. Esse tipo de avaliação não considera o contexto social, cultural, econômico em que esses estudantes estão inseridos, pois ignora uma série de elementos como as perspectivas relacionadas à gênero, raça e classe social.

Por outro lado, podemos buscar uma possibilidade de mudança, pela perspectiva da avaliação formativa. A mudança que se deve buscar não se relaciona somente à necessidade de acompanhar as mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo (e que foram intensificadas pela pandemia), mas também aquelas nas relações pedagógicas, na práxis, nos sentidos do ensino-aprendizagem. Nesse modelo de avaliação,

(...) não se pode imaginar avaliação sem a participação ativa e comprometida por parte do educando. Neste caso, o estudante é visto como sujeito do processo proposto pelo professor, que sabiamente socializa suas intenções, modificando-as e adaptando-as, se for necessário (ARAÚJO, 2009, p. 18).

O educador torna-se um mediador na construção e elaboração dos conhecimentos, e não mais o detentor e reproduzidor de conhecimentos previamente selecionados. Entende-se que os educadores aprendem no processo, bem como os estudantes. Educadores(as) e estudantes colocam-se em posição de aprender juntos, estabelecendo novas relações, baseadas na confiança e na parceria. O professor assume outros papéis, como o de

*Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

acompanhar as conquistas e necessidades dos estudantes colocadas no decorrer do percurso. “O professor também avança em sua prática pedagógica, aprendendo e pesquisando novas estratégias para a promoção das aprendizagens dos alunos.” (ARAÚJO, 2009, p. 19). Portanto, faz-se necessário refletir sobre a práxis dos(as) educadores(as), que agora, mais do que nunca, estão permeadas por uma série de mudanças no contexto educacional.

Outro fator que devemos considerar, a partir dos resultados das respostas abertas, são as condições socioeconômicas dos estudantes. Alguns educadores(as) relataram a falta de acesso, por parte dos estudantes, às aulas síncronas. Em setembro de 2020, o jornal Correio Braziliense publicou dados sobre o acesso à internet dos estudantes brasileiros, das redes pública e privada:

No Brasil, cerca de seis milhões de estudantes, desde a pré-escola até a pós-graduação, não têm acesso à internet banda larga ou 3G/4G em casa e, conseqüentemente, não conseguem participar do ensino remoto. Desses, 5,8 milhões são alunos de instituições públicas de ensino. É o que diz o estudo "Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia", feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Os alunos do ensino fundamental são os mais afetados. Juntos, os anos iniciais e os anos finais somam mais 4,35 milhões de estudantes sem acesso, sendo 4,23 milhões de escolas públicas (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Os números são preocupantes e indicam que são necessários esforços dos governos, em todas as esferas, com o objetivo de diminuir a defasagem que ocorre, inclusive, entre alunos das redes pública e privada. Em dezembro de 2020, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 3477/20<sup>iii</sup>, conhecido como a “PL da Conectividade”, que prevê a garantia do acesso à internet para estudantes e educadores(as) das redes públicas de ensino, de todas as etapas da Educação básica, em decorrência da pandemia de Covid-19. De acordo com o texto do projeto aprovado, o auxílio de R\$3,5 bilhões (da União para estados, Distrito Federal e municípios) deverá ser utilizado para contratação de soluções de conectividade móvel (pacote de dados para celular). A prioridade deve ser, na ordem, para os alunos do Ensino Médio; do Ensino Fundamental; professores do Ensino Médio; e do Ensino Fundamental.<sup>iv</sup> No entanto, em março de 2021 o projeto foi integralmente vetado pelo presidente Jair Bolsonaro.<sup>v</sup> Atualmente seguimos, após mais de um ano enfrentando a crise sanitária, sem garantia de acesso à internet para milhões de jovens no país.

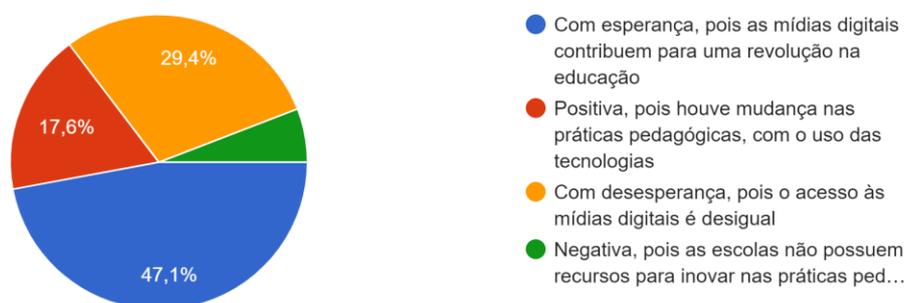
De modo geral, a criação de condições, dimensões e fatores para a oferta de um ensino de qualidade social também esbarra em uma realidade marcada pela desigualdade socioeconômico-cultural das regiões, localidades, segmentos sociais e dos sujeitos envolvidos, sobretudo dos atuais sujeitos-usuários da escola pública, o que exige o reconhecimento de que a qualidade da escola seja uma qualidade social, uma qualidade capaz de promover uma atualização histórico-cultural em termos de uma formação sólida, crítica, ética e solidária, articulada com políticas públicas de inclusão e de resgate social (DOURADO, 2007, p.15)

Além de buscar compreender as dificuldades que os(as) educadores(as) enfrentam no atual momento, perante uma série de restrições socioeconômicas vivenciadas pelos estudantes, ou a falta de interesse nas atividades pedagógicas propostas pelos educadores(as) - “só digitalizamos o ensino tradicional. Estudantes ficaram alheios e desmotivados” - devemos refletir sobre o futuro da Educação, em decorrência do que vivemos hoje com a pandemia de Covid-19, mas também em relação às mudanças rápidas e constantes que enfrentaremos em termos de tecnologia. Nesse sentido, solicitamos aos educadores(as) que avaliassem suas expectativas com relação ao futuro da Educação.

Gráfico 2 - O futuro da Educação

Como você avalia o futuro da educação?

17 respostas



Fonte: os próprios autores, gerado pelo google forms, Julho/2021

Percebemos, a partir do gráfico acima, que a maioria dos(as) educadores(as) entendem que há uma revolução educacional vinculada às mídias digitais/tecnologias. Muitos entendem que se opera um acesso desigual à tecnologia. 17,6% percebeu mudanças nas práticas pedagógicas nesse contexto de pandemia e 5,9% percebem o futuro de modo negativo, pois acreditam que as escolas não possuem recursos para realizar as inovações necessárias nas práticas pedagógicas.

*Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

Qual a sua opinião sobre qual é o futuro possível e concreto para a educação?

*Tabela 2 - Respostas dos(as) educadores(as)*

Dentro da rede privada de ensino, o futuro já chegou, a maioria das escolas incorporou a tecnologia, com aulas remotas transmitidas ao vivo durante todo o período escolar, além de vários outros suportes adquiridos. Infelizmente, nas escolas públicas não se pode esperar a mesma rapidez e eficiência, visto também que nem todos os alunos têm acesso à Internet.
Vejo que a educação pública caminha para um processo de dismantelamento gradual. Vejo q a iniciativa privada usara as dificuldades da pandemia para justificar intervenções e precarização ainda maior nos currículos
A possibilidade concreta é a mudança para um protagonismo coletivo de educação, na qual todos estarão pesquisando e estudando. Toda a comunidade escolar pode e deve contribuir para a aprendizagem, afinal o conhecimento pode ser acessado a qualquer momento, através das novas tecnologias.
O acesso é desigual, a forma como se usa é superestimada. Se fala em geração tecnológica, mas os alunos acessam o Tik tok. Não aprenderam a pesquisar, quando "pesquisam" fazem cópia. As escolas não têm recursos para inovar e uma verdade parcial, pois há escolas com poucos recursos tecnológicos mas há escolas com muitos recursos. O fundamental está na prática dos professores, os professores reproduziram suas práticas de forma online e agora voltaram à zona de conforto de dar aula.  Tem professor que se acha tecnológico pois projeta a lição para os alunos copiarem. Perdem tempo precioso de troca e construção para o aluno ser copista.
Acredito que o futuro vá cada vez mais em direção a tecnologia (é inevitável), porém, com o acesso desigual, a desistência dos jovens em relação ao acesso à educação será cada vez maior.
Seguir em frente, mediada pelas TDICs com bons profissionais da educação, bem remunerados e com o empenho dos estudantes e apoio e compreensão de seus pais.

*Fonte: Elaborado pelo próprios autores, Julho/2021*

Nas respostas acima citadas, podemos perceber que há preocupação dos(as) educadores(as) com o futuro da Educação e muitos diagnosticaram os problemas que enfrentamos no momento atual, que têm pouca visibilidade ou até mesmo são negados, como a desigualdade de acesso e uso da tecnologia, entre escolas públicas e privadas. A partir das observações, é possível verificar um consenso de que faltam investimentos na área pública. Esse problema de falta de investimento na educação, a falta de indignação da sociedade diante da baixa qualidade da escola pública também faz parte do problema educacional no Brasil (SQUIZATO, 2006).

Os investimentos públicos em formação inicial e continuada são essenciais para superar as dificuldades com as quais os(as) educadores(as) se deparam atualmente em relação ao uso assertivo das tecnologias. O ensino tradicional, muitas vezes, permanece a regra nas escolas e a inovação pedagógica não se desenvolve. Como disse um educador(a):

*o fundamental está na prática dos professores, os professores reproduziram suas práticas de forma online e agora voltaram à zona de conforto de dar aula. Tem professor que se acha tecnológico pois projeta a lição para os alunos copiarem. Perdem tempo precioso de troca e construção para o aluno ser copista.*

Assim, as mudanças que verificamos em função da crise sanitária nem sempre são mudanças efetivas no processo de ensino-aprendizagem: trocou-se o quadro de giz pelo computador, sem que isso viesse acompanhado de mudanças efetivas na relação pedagógica. Para o educador(a), são necessários investimentos públicos na formação e que possibilitem “[...] condições para que ele construa conhecimento sobre as técnicas computacionais, entenda por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica e seja capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica” (ALMEIDA, 1997, p. 08).

Para Nóvoa (2002) a formação continuada alicerça-se na dinamização de projetos de investigação nas escolas, passa pela consolidação de redes de trabalho coletivo e de partilha entre os diversos atores educativos, investindo nas escolas como lugares de formação. Segundo o autor, a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas de um trabalho reflexivo e crítico sobre as práticas e de (re)construção permanente da identidade pessoal.

*Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores (MERCADO, 1999, p. 20).*

Além da formação continuada, devemos refletir sobre a prática dos(as) educadores(as). Os sistemas escolares e currículos fragmentam conceitos e objetos separando-os por disciplinas. Uma possibilidade de mudança pode ser visualizada na interdisciplinaridade, que é uma proposta de encontro entre as disciplinas e de ampliação do diálogo:

*Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

(...) a interdisciplinaridade pode surgir como esse conhecimento que se conduz nas regiões em que as fronteiras se encontram e criam espaços de intersecção, onde o eu e o outro, sem abrir mão de suas características e de sua diversidade, abrem-se disponíveis para a troca e para a transformação (FURLANETTO, 2002, p.166)

Nesse sentido, a interdisciplinaridade constrói uma relação com outras áreas do conhecimento, reúne as diferentes disciplinas em seus conceitos e objetos de aprendizagem e permite a interação com os pares, estimulando a discussão e a elaboração de novas ideias e possibilidades educativas.

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (LÜCK, 1995, p. 64).

A inclusão da interdisciplinaridade não tem como proposta eliminar as disciplinas curriculares, mas pretende favorecer a comunicação entre os objetos e conceitos trabalhados nas diferentes disciplinas, buscando a participação dos(as) educadores(as) e estudantes no processo de construção coletiva do ensino-aprendizagem e implica reorganização do processo ensino-aprendizagem e o envolvimento contínuo dos(as) educadores(as). Portanto, ela é a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber fragmentado e da dissociação das experiências escolares entre si a partir da realidade social em que a escola está inserida (FAVARÃO e ARAÚJO, 2004).

O papel dos educadores vai muito além do desenvolvimento do conteúdo fragmentado desconectado da realidade (MORIN, 2006). Neste sentido, o professor não é considerado como único provedor do conhecimento, mas como mediador do processo de ensino-aprendizagem, de modo que o diálogo, os questionamentos e os conteúdos se tornem significativos tanto para educadores(as) quanto para os(as) estudantes.

Nas palavras dos(as) educadores(as) também percebemos que há críticas ao ensino tradicional e estes apontam a possibilidade de investir em outras relações pedagógicas: *a possibilidade concreta é a mudança para um protagonismo coletivo de educação, na qual todos estarão pesquisando e estudando.* Afirmações como essa nos indicam que há uma mudança acontecendo nas escolas. Se mais educadores(as) entenderem a importância de transformar as ações e relações pedagógicas, teremos espaços e contextos mais ricos em

reflexão e pensamento crítico, necessários para compreender e enfrentar o mundo das próximas décadas.

Por fim, perguntamos aos educadores(as) sobre a lição que a pandemia de Covid-19 nos ensinou e tem ensinado com relação à Educação. Quanto às respostas que obtivemos, de modo geral elas estão relacionadas ao uso da tecnologia.

Qual você considera a maior lição que a pandemia de Covid-19 revelou/ensinou para a educação e educadores(as)?

*Tabela 3 - Respostas dos educadores(as)*

Reinventar a educação.
Como professora, pude ver a comunidade educacional se ajudando para aprender a mexer em novas tecnologias, a se adaptar rapidamente à nova realidade, precisando aprender coisas que jamais nos foram ensinadas (ou cogitadas) em nossas formações acadêmicas. A lição que fica para nós é de que nunca estamos prontos, sempre temos algo a aprender e que podemos sempre melhorar.
Adaptação. Esta não foi a primeira e nem será a última mudança na Educação e no Mundo. Todos precisam se atualizar, reinventar e mostrar mais empatia. E principalmente, valorizar os Professores por serem um dos que mais precisaram fazer isso e sem sequer serem vacinados contra a COVID-19.
Que, como professores, estamos mais fragmentados e isolados do que antes. E que precisamos nos apropriar de todos os conhecimentos de ferramentas digitais para poder sobreviver, criando alternativas para ajudar nossos estudantes.
Aprender trabalhar com tecnologia
A necessidade da tecnologia em nossa prática no dia a dia.

*Fonte: Elaborado pelos próprios autores, Julho/2021*

As respostas dos(as) educadores(as) indicam a percepção sobre um profundo processo de mudanças na Educação. E com isso voltamos às afirmações colocadas no início deste texto: o indivíduo do futuro necessariamente deverá estar apto às constantes mudanças e para tanto, é importante que seja flexível e equilibrado emocionalmente. E aqui pensemos nos estudantes, mas também nos(as) educadores(as). A fala destes já têm indicativos dessa necessidade de flexibilização: *Adaptação. Esta não foi a primeira e nem será a última mudança na Educação e no Mundo. Todos precisam se atualizar, reinventar e mostrar*

*Mudanças na Educação: relatos de educadores(as) da Educação Básica do Médio Vale do Itajaí (SC) em tempos de Covid*

*mais empatia. Ou ainda: A lição que fica para nós é de que nunca estamos prontos, sempre temos algo a aprender e que podemos sempre melhorar.*

### **Considerações finais**

A mudança tecnológica está cada vez mais inserida na vida cotidiana e acompanha o processo de formação de crianças e jovens. Nesse sentido, devemos nos lembrar a respeito das prováveis consequências desse hábito para as gerações futuras. É urgente e necessário elaborar um princípio ético que seja capaz de pensar nos avanços da tecnologia, que deve permear não só os âmbitos políticos e sociais, mas se estender à Educação.

Novamente. Investir na formação de professores e promover, nas escolas, um ambiente de reflexão e pensamento crítico, e não somente em um conjunto de habilidades e competências gerais, qualificará tanto estudantes quanto educadores(as) para enfrentar as constantes mudanças cotidianas, no uso da tecnologia, nas relações sociais e profissionais desse futuro próximo. As discussões sobre o uso das tecnologias no cotidiano precisam ser ampliadas para todos os que participam da formação pessoal e educacional dos jovens. Perceber as dificuldades dos estudantes no processo educacional e atentar para as desigualdades é nosso dever ético e moral enquanto educadores. E é importante compreendermos que a aprendizagem não é só uma responsabilidade individual, mas que somos responsáveis também pelo sucesso ou fracasso de nossos estudantes.

E faz-se urgente cobrar iniciativas, por parte dos governos, que permitam o acesso às tecnologias de informação e comunicação a um número cada vez maior de jovens que, em idade escolar, permanecem sem acesso adequado ao ensino nesse momento em que enfrentamos uma crise sanitária global.

### **Referências**

ALMEIDA, M. E. B. de. Informática e formação de professores. **ProInfo**. v. 2. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

ARAÚJO, L. de A. **A avaliação NA escola: um olhar além da sala de aula**. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

DOURADO, L. F. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: Limites e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 921-946, out. 2007.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FAVARÃO, N. R. L.; ARAÚJO, C. S. A. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. EDUCERE - **Revista da Educação da UNIPAR**. Umuarama, v.4, n.2, p.103- 115, jul./dez., 2004.

FURLANETTO, E. C. Fronteira. In: FAZENDA, I. (Org). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução: Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004. 324 p. Título original: L'école n'est pas une entreprise: le néo-libéralisme à l'assaut de l'enseignement public.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar – fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 2002.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Almedina, 2020.

SQUIZATO, R. Educação: lições por fazer. **Rev Página 22**. 2006;2:20-31.

## Notas

<sup>i</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/poluicao-do-ar-mata-7-milhoes-por-ano-maioria-em-paises-pobres-diz-oms.html>. Acesso em 27 abr 2021.

<sup>ii</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54278357>. Acesso em 27 abr 2021.

<sup>iii</sup> Disponível em

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2242713>. Acesso em 03 mai 2021.

<sup>iv</sup> Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/717701-camara-aprova-ajuda-de-r-35-bilhoes-para-acesso-gratuito-de-estudantes-a-internet/>. Acesso em 03 mai 2021.

<sup>v</sup> Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/19/vetado-projeto-que-dava-acesso-a-internet-a-alunos-e-professores-da-rede-publica>. Acesso em 03 mai 2021.

## **Sobre os autores**

### **Patricia Tatiana Raasch**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras - CCEAL da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Integrante do grupo de pesquisa Saberes de si, vinculado a linha de pesquisa Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Integra também o grupo de estudos Biopolítica, Modos de Vida e Processos de Subjetivação na Contemporaneidade, vinculado ao curso de Psicologia da FURB, coordenado pelo prof. Dr. Rodrigo Díaz de Vivar y Soler. Bolsista Capes. Possui graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2011) e Especialização em Metodologia de Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), concluída em 2015. E-mail: profpatriciaraasch@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6290-8351>.

### **Ketlin Braatz**

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau - Santa Catarina (FURB), na linha de pesquisa Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Formada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau. E-mail: kbraatz26@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1397-6737>

### **Celso Kraemer**

Licenciado em Filosofia pela UNIFEBE de Brusque (1990), mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2003) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Professor titular da Universidade Regional de Blumenau desde 1991, lotado no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, atuando área de Filosofia da 16 Educação, Epistemologia da Educação. Docente na Faculdade São Luiz desde 2002. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes de Si, vinculado ao PPGE/FURB. E-mail: kraemer250@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2406-9638>.

Recebido em: 02/07/2021

Aceito para publicação em: 06/07/2021